

Seminário da Abruem

DESAFIOS DO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL NO ENSINO SUPERIOR



REITORES DE TODO O BRASIL PARTICIPARAM DE SEMINÁRIO DA ABRUEM

Foi realizado nestas quarta e quinta-feira, 25 e 26 de novembro, Seminário da Associação Brasileira das Universidades Estaduais e Municipais (Abruem). Com a temática “Desafios do Ensino Remoto Emergencial na Educação Superior”, o evento ocorreu de forma totalmente online. A Universidade de Pernambuco e a Universidade Estadual de Goiás são parceiras da Abruem na realização do evento.

Assista ou reveja os primeiro e segundo dias de evento pelos links:

<https://www.youtube.com/watch?v=MILmd7aKIDg>

<https://www.youtube.com/watch?v=TSgCf4bYYjE>

Durante a abertura do Seminário, o presidente da Abruem, professor Rodrigo Zanin, agradeceu aos parceiros do evento e à equipe técnica da Associação pela organização. O presidente explicou que a Abruem tradicionalmente realiza dois Fóruns presenciais no ano, no entanto, diante da realidade que tem sido vivida, a Associação teve que repensar o formato e se readaptar para realizar um Seminário com a utilização de tecnologias digitais.

Ele destacou que o ensino remoto trouxe inúmeros desafios a todas as universidades, para além dos desafios que a educação brasileira já enfrentava. “Não tivemos a programação de fazer isso. Não concebemos nossos cursos e estruturas para a oferta de ensino superior mediado por tecnologias”, ressalta



ao afirmar que as Universidades foram se adequando ao longo do processo para continuar suas atividades.

Rodrigo Zanin explicou que o Seminário tem grande importância no sentido de discutir de forma ampla, de olhar para as Câmaras Técnicas da Abruem e ver quais foram e são os principais desafios em cada área.

O vice-presidente da Abruem, professor Pedro Falcão, complementa afirmando que

humanidade de modo geral não estava preparada para uma pandemia dessa magnitude e que estamos a cada dia aprendendo mais com essa conjuntura. “Infelizmente estamos agora com mais de 170 mil mortos apenas no Brasil. Nessa oportunidade aproveito para parabenizar cada reitor e cada reitora pelo esforço que as universidades fizeram para salvar vidas, sendo no desenvolvimento de pesquisas ou no trabalho prestados pelos hospitais universitários”, ressalta.



Graduação

A primeira palestra da manhã, “Experiências de educação on-line no contexto da pandemia: a formação docente e o uso das tecnologias digitais em IES afiliadas à Abruem”, foi realizada pela Câmara de Graduação da Abruem. Durante o evento, cinco universidades apresentaram experiências importantes que foram desenvolvidas no período de pandemia na perspectiva de superar os desafios impostos.

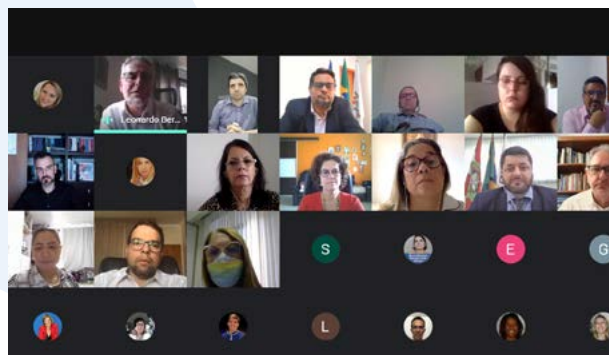
“Tínhamos uma programação para o ano e tivemos que nos reorganizar para focarmos na superação dos desafios que as atividades remotas no apresentaram”

De acordo com o presidente da Câmara, professor José Bites, a Câmara trabalhou ativamente durante todo o ano. “Tínhamos uma programação para o ano e tivemos que nos reorganizar para focarmos na superação dos desafios que as atividades remotas no apresentaram”, explica.

Durante as apresentações, representantes da Uneb, Unesp, Unioeste, UEPB e Uema discutiram sobre processos desenvolvidos durante o período de pandemia, experiências exitosas, dificuldades enfrentadas, estratégias de ensino e soluções apresentadas para problemas que surgiram ao longo dos meses. Além disso, também foram levantadas questões como colações de grau de forma remota, auxílios para garantir acesso a discentes em situação de vulnerabilidade social, calendários acadêmicos em tempos de incerteza, entre outras.

EaD

Em seguida, o presidente da Câmara de EaD/UAD, professor Dilmar Baretta, apresentou os trabalhos da Câmara e os resultados de pesquisa realizada por eles. De acordo com dados da pesquisa, que teve como objetivo analisar e compreender, conjuntamente, o cenário atual das universidades da Abruem, 47,7% das Instituições de Ensino Superior da Associação suspenderam a oferta de ensino de Graduação no início da pandemia, 40,9% das suspenderam cursos de pós-graduação e 11,4% suspenderam ambas as modalidades.



Ainda dentro da programação da Câmara de EaD, foi realizado o lançamento do curso de especialização “Educação Híbrida e Metodologias ativas em rede”. A professora da UniCentro, Maria Aparecida Knuppel, destacou que a Universidade está trabalhando na construção do curso de especialização por considerar isso uma estratégia formativa para os docentes tanto da UniCentro quanto das outras universidades.

MOBILIDADE VIRTUAL

Ainda dentro da programação da Câmara de EaD, foi lançada a Chamada de Adesão das IES da Abruem para ofertarem disciplinas no edital de Mobilidade Virtual 2021/1. O lançamento foi realizado pela professora da Uema, Ilka Serra.

O programa de Mobilidade Virtual tem por objetivo ofertar diversificadas disciplinas aos discentes de toda a rede da Abruem, como estratégia de minimização da retenção e da evasão. Entre 1º de dezembro e 30 de janeiro serão captadas as vagas e a previsão é que o edital seja publicado no final de fevereiro. De acordo com a professora, a Abruem foi pioneira no Brasil em realizar um programa de mobilidade virtual.

“Precisamos avançar no letramento digital, em uma fluência digital, precisamos dessa formação para nossos professores trabalharem com esse universo tecnológico, não esquecendo do lado humano”, afirmou a professora ao explicar que será desenvolvido, a princípio, um projeto piloto, um curso rápido para formar um grupo de professores. A partir daí e com a contribuição das universidades será feita a construção coletiva da especialização.

Educação híbrida

Em seguida, o pesquisador e professor da Universidade Aberta (UAB) de Portugal, Antônio Moreira, proferiu a palestra “Educação híbrida - uma tendência para educação no pós pandemia”. Em sua fala, o professor



explicou que a educação híbrida é verdadeiramente inclusiva e que temos que pensar no ensino remoto emergencial para ser usado em situações de emergências apenas.

Antônio Moreira destacou que a educação digital compreende processos de ensino e aprendizagem enriquecidos por tecnologias digitais e/ou redes de comunicação, com variabilidade na frequência e na intensidade tanto de tecnologias digitais quanto de redes de comunicação. Ele ressaltou que educação digital não é educação a distância e que pode ser a utilização de tecnologias em uma sala de aula física, por exemplo. Além disso, salientou que é preciso que se desconstrua a ideia de que educação à distância afasta as pessoas.

SEMINÁRIO DA ABRUEM DISCUTE DESAFIO DO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL NO ENSINO SUPERIOR

Durante a tarde do primeiro dia do Seminário da Abruem foi realizado o debate Desafio do Ensino Remoto Emergencial no Ensino Superior. A coordenação ficou a cargo do presidente da Câmara de EaD da Abruem, professor Dilmar Baretta.

Como palestrantes participaram o professor associado da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Carlos Eduardo Bielschowsky, o reitor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Marcelo Knobel, e o ex-presidente da Abruem e reitor da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Antonio Guedes Rangel.

Segundo Carlos Eduardo Bielschowsky, a educação à distância é um conhecimento que está sendo desenvolvido há anos: começou com o ensino por correspondência em 1728 nos Estados Unidos, passando pela entrada das tecnologias do rádio, tv, seguido das criação das grandes universidade de EaD.

Durante sua apresentação, o reitor apresentou dados sobre a oferta e qualidade do ensino à distância no Brasil, bem como os problemas que essa modalidade de ensino tem vivido ao longo dos anos. “A EaD vem tendo problemas no Brasil há alguns anos com a inconstância no financiamento da UAB”, explica ao destacar a cartelização do ensino à distância no setor privado por poucos grupos educacionais e com fortes indícios de precarização.

O professor apresenta um dado, segundo ele bastante preocupante, de que 10 grupos privados detêm 25,1% da educação presencial no Brasil e

“O problema não é a metodologia de EaD, mas a cartelização do ensino superior no Brasil utilizando a EaD”.
Pandemia

75,4% da EaD, sendo responsável por quase 40% de todo o ensino superior do País. Ele destaca ainda resultados ruins do Enade de alguns dos cursos de EaD oferecidos por esses grupos e, em contraposição, resultados ótimos do Enade de cursos públicos de ensino à distância oferecidos, por exemplo, pelo consórcio Cederj, do Rio de Janeiro.

“O problema não é a metodologia de EaD, mas a cartelização do ensino superior no Brasil utilizando a EaD”.

Pandemia

Quando se trata de pandemia, Carlos Eduardo ressalta que muitas Instituições de Ensino Superior (IES) estão se empenhando fortemente em vencer este difícil momento e que, no País, falta uma ampla cultura de utilização de tecnologias da informação e da comunicação no ensino presencial, com rejeições às vezes. “O desafio é termos clareza da importância dessas tecnologias e de trabalharmos com elas”.



O professor explica que a docência no espaço virtual requer mudanças e que muitos docentes ainda têm dificuldades em aceitarem as mudanças. “O papel das nossas instituições na capacitação do professor é fundamental. E, passada a pandemia, não podemos nos esquecer de continuar o esforço de implementar esses

processos que deixarão marcas significativas no futuro”, orienta.

Ao final ele deixa duas provocações: vamos encontrar mecanismos que alavanquem a EaD nas instituições públicas e ajudem a disseminar a tecnologia, além de contribuir para a inclusão social no ensino superior? O que ficará de inovação no processo de ensino e aprendizagem no pós-pandemia?

Desigualdades

Durante sua explanação, o reitor da Unicamp, Marcelo Knobel, explicou que a desigualdade criada pela pandemia se misturou à desigualdade social já existente no País e que isso se refletiu nas universidades. Ele citou, como exemplo, o caso de centenas de alunos que não possuíam conexão de internet para assistir às aulas mediadas por tecnologia, que não possuíam um local adequado em casa para estudar.



“A verdade é que tínhamos essas desigualdades, apresentadas de formas diferentes, mesmo antes da pandemia começar, com alguns alunos tendo dificuldades imensas até de acesso aos campi, por exemplo”. Neste sentido, o reitor ressalta que se as universidades souberem aproveitar o melhor do ensino remoto e do presencial, pode-se conseguir trabalhar o equilíbrio para ajudar alguns estudantes. “As possibilidades com ensino remoto são infinitas e não foram exploradas antes”.

“As possibilidades com ensino remoto são infinitas e não foram exploradas antes”

Um exemplo, segundo ele, é a realização do Seminário de forma virtual que gerou uma economia de dezenas de milhares de reais. “Perdemos as interações sociais, que são fundamentais, mas conseguimos realizar o evento”, reitera.

O reitor destaca que um dos principais desafios deste tempo de pandemia tem sido planejar um futuro sem se ter ao menos ideia de como ele será. “Temos que planejar as aulas sem nem sabermos como será o vestibular ou o Enem. São muitas variáveis que não temos nem ideia de como vai acontecer”, aponta.

Outro desafio importante levantado é a questão da permanência estudantil que, neste momento, tem atingido mais universidades particulares, no entanto, também deve chegar às públicas. De acordo com o reitor, para essa e várias outras questões, tem ideias e não respostas.

Ele relata que, quando a pandemia passar, “poderemos encontrar um caminho interessante e buscar atualizar as nossas práticas a partir das situações que estamos vivendo”.

Desafios

A pandemia da covid-19 expôs fragilidades e impôs desafios inúmeros às IES. Durante sua fala, o ex-presidente da Abruem e reitor da Universidade Estadual da Paraíba, Antonio Guedes Rangel, elencou algumas categorias de desafios que estão sendo enfrentados pelas universidades.

O primeiro foi nomeado como experiencial/ existencial. De acordo com o reitor, a negação da pandemia foi a pior estratégia que as pessoas poderiam ter tido diante do contexto que estamos vivendo. “Quem tentou fazer isso conseguiu arrumar um problema para si e para os outros. O mais grave de tudo isso é quando essa negação passa a ser feita por parte de agentes públicos”, destaca.



“Para mim, o maior desafio é esse experiencial, como ressignificar aspectos importantes da nossa existência diante de um desafio de algo que era, de fato, completamente desconhecido”.

O segundo desafio, segundo o reitor, é o psicológico. “Já trazendo para o âmbito da educação superior propriamente dita, tivemos que compreender que estávamos, de fato, diante de uma novidade e não tínhamos alternativas a não ser enfrentar a situação”, destaca ao relatar a experiência da UEPB.

Para Antonio Rangel, ao desafio psicológico foi agregado um novo, o cognitivo. “Neste sentido buscamos assegurar que as pessoas compreendessem que estando diante de uma situação completamente nova e que prometia ser duradoura, precisavam se desafiar a um conhecimento novo. E é nisso que continuamos acreditando, que a pandemia desafiou a todos, todos os setores tiveram que buscar alternativas”.

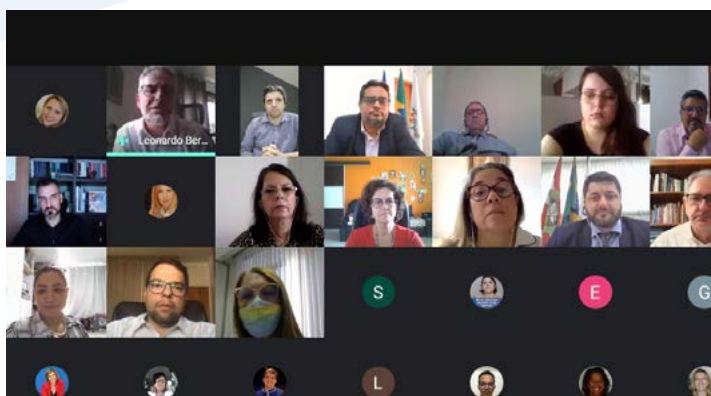
Outro desafio para o qual as universidades não estavam prontas, de acordo com o reitor, é o econômico/ financeiro. Neste sentido, ele destaca que as instituições públicas não estavam preparadas financeiramente para o enfrentamento de tão grande monta para garantir as condições materiais para que o enfrentamento à pandemia fosse feito, tanto do ponto de vista das condições de equipamentos, quanto da garantia do acesso das pessoas à internet.

“As instituições de um modo geral encararam isso, buscando criar condições para que os estudantes pudessem continuar avançando em seus estudos”

O reitor ainda acrescenta à lista o desafio acadêmico/ educacional, que, de acordo com ele, era não permitir que algumas IES ficassem paradas no tempo e outras avançando muito mais, mas criar um jeito que permitisse que a educação como um todo no País pudesse avançar.

“As instituições de um modo geral encararam isso, buscando criar condições para que os estudantes pudessem continuar avançando em seus estudos”, relatou.

Como último desafio, Antonio Rangel destaca o histórico. “A pandemia tem sido e está sendo um desafio histórico. Foi, num primeiro momento, de ruptura, de desconstrução de novas aprendizagens, de ressignificação do nosso saber fazer acadêmico e profissional. E foi enfrentada com um



sentimento de que qualquer coisa precisava ser feita. Só uma coisa poderia ser negada, na minha leitura, era a possibilidade de ficarmos sem fazer nada”.

SEMINÁRIO DA ABRUEM DEBATE LEGISLAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Na manhã do segundo dia do Seminário da Abruem as Câmaras Técnicas de Gestão, Governança e Legislação e de Pós-Graduação foram as responsáveis pelas palestras. O evento, que discute os “Desafios do Ensino Remoto Emergencial na Educação Superior”, contou com a participação de reitores e representantes de universidades de todo o Brasil.

A primeira apresentação realizada, coordenada pelo vice-presidente da Abruem, Pedro Falcão, teve como temática “Gestão, Governança e Legislação nas Universidade Estaduais e Municipais em tempos de pandemia”. Diversos membros da Câmara apresentaram suas experiências.

Em sua fala, o presidente da Câmara, professor Francisco do O’ de Lima, explanou sobre os objetivos principais da Câmara Técnica, entre eles compartilhar e propor medidas que visem o aprimoramento da atividade-meio nas instituições afiliadas; fortalecer reflexões e propor estudos nos processos gerenciais, legislativos e administrativos; e compartilhar experiências de boas práticas administrativas, alinhadas a medidas legais que garantam a autonomia política, orçamentária e financeira. Além disso, ele destaca como

uma das metas do trabalho que eles têm desenvolvido o fortalecimento dos processos de autonomia, gestão, governança e legislação das universidades associadas, provendo redes interinstitucionais e intergovernamentais.



26.11.2020 - Seminário ABRUEM "Desafios do Ensino Remoto Emergencial na Educação Superior".



O professor explanou sobre o contexto da pandemia e como isso teve influência nos trabalhos desenvolvidos e apresentou resoluções, portarias, medida provisória, diretrizes e legislações estaduais e municipais que foram criadas a partir da pandemia da covid-19. Também destacou as normativas criadas pelas universidades afiliadas à Abruem para o enfrentamento dos desafios postos neste momento histórico.

Entre as inúmeras ações, procedimentos e questões normatizadas pelas universidades para o enfrentamento à pandemia, o professor salientou algumas como: a suspensão das atividades presenciais e subsequentes prorrogações; criação de Comitês de Monitoramento das ações de prevenção e combate ao novo coronavírus; instituição e regulamentação do teletrabalho;

regulamentação de reuniões e deliberações resultado de reuniões por meios digitais; e regulamentação de defesa de teses e dissertações por videoconferência.

Experiências

Ainda dentro da programação da Câmara Técnica de Gestão, Governança e Legislação, foram relatadas

experiências de diversas universidades com relação à temática proposta. O reitor e a pró-reitora de Administração do Uni-Facef, José Alfredo Guerra e Melissa Cavalcanti, destacaram as medidas de gestão tomadas no enfrentamento da covid-19 pela Universidade, bem como as principais preocupações e os resultados a partir do que foi implementado.

Em sua fala, o reitor da Uema, Gustavo Pereira, ressaltou que estamos

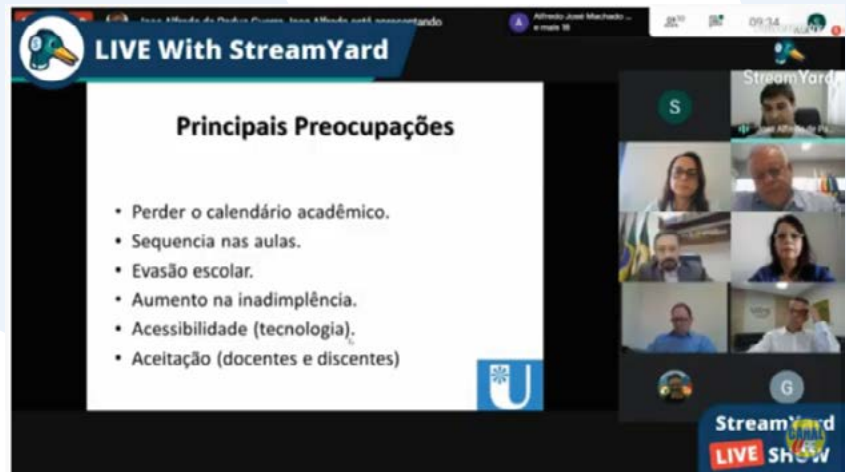
// Temos conseguido driblar a realidade, vencer os obstáculos com muito companheirismo entre nós e criatividade”

em um momento que nos fortalece, que desperta em nós a solidariedade. Ele explicou que não sairemos do outro lado do túnel, da pandemia, os mesmos e levantou algumas questões importantes como: quais atitudes e normas que estão sendo implementadas restarão após a pandemia?; e de que forma a cultura de nossas universidades será afetada após a pandemia? “Temos conseguido driblar a realidade, vencer os obstáculos com muito companheirismo entre nós e criatividade”, relatou professor ao afirmar também que as universidades terão que repensar a forma como se planeja.

Já o reitor da Uepa, professor Rubens Cardoso, fez uma reflexão no sentido de que os seres humanos não podem olhar o passado e o transformar e nem prever o futuro, no entanto podem se antecipar e presidir esse futuro. “A humanidade está vivendo uma mudança de era que já foi estabelecida há muito tempo. Temos que reanalisar as questões postas para entender o que aconteceu”, ressalta. O reitor também afirma que uma governança corporativa que não se auto observe, se auto examine, está fadada a não apresentar soluções.

Pós-Graduação

Na segunda parte da manhã, o Seminário discutiu “O ensino remoto no âmbito da pós-graduação: desafios e perspectivas para o pós-pandemia”. A responsável pela palestra foi a docente do Programa de Pós-Graduação Profissional em Ciência da Informação da Universidade Federal de Sergipe, Renata Ferreira.





A professora explicou que sua fala seria construída a partir de uma pessoa de humanas e que acredita que a educação é o lugar de pensar o humano. “Estamos falando muito das questões tecnológicas, das soluções técnicas para o que estamos passando, mas falamos muito pouco da

matéria humana, estamos deixando o essencial de lado, mesmo vivendo um momento de alta instabilidade emocional”, relata.

Renata Ferreira acredita muito nas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC’S), mas não como solução salvacionista como tem sido posto. “Elas facilitam a nossa vida, com flexibilização do tempo, mais autonomia discente, mas proporcionam altas taxas de evasão, dificuldades de acesso”, relata.

A professora construiu sua fala a partir de um texto literário e abordou, com um olhar diferenciado, aspectos ainda pouco debatidos. Ela falou das transformações pelas quais estamos passando, do tempo de se afastar dos abraços, que, inclusive, é bíblico, e do tempo do “novo normal”.

Ela explica que o sentimento que percebe frequentemente nos professores e alunos, sobretudo os de pós-graduação, é o de solidão e incapacidade.

“Como sei que meu aluno aprendeu? Como devo avaliá-lo? Deve ser da mesma forma que no ensino presencial? Qual a verdade do meu aluno? Qual a realidade social desse aluno? Eu me importo com isso e acredito que todos deveríamos nos importar”.

APÓS DOIS DIAS DE DEBATE, SE ENCERRA O SEMINÁRIO DA ABRUEM

A Abruem realizou durante esta semana, dias 25 e 26 de novembro, Seminário para abordar o tema “Desafios do Ensino Remoto Emergencial na Educação Superior”. O evento contou com a participação de reitores, pró-reitores e representantes de universidades de todo o Brasil.

Em sua fala de encerramento, o presidente da Abruem, Rodrigo Zanin, agradeceu a todas as universidades participantes e a todos os que colaboraram para a realização do evento, seja a equipe técnica da Abruem, os colaboradores das universidades, os palestrantes ou os reitores que coordenaram e presidiram os trabalhos. Ele explicou que existiam dúvidas e

“Como sei que meu aluno aprendeu? Como devo avaliá-lo? Deve ser da mesma forma que no ensino presencial? Qual a verdade do meu aluno? Qual a realidade social desse aluno? Eu me importo com isso e acredito que todos deveríamos nos importar”

inseguranças de como a Associação realizaria um evento de forma remota, mas foi preciso dar um passo na direção da realização do Seminário.

“ O evento foi muito produtivo, avançamos bastante em diversas discussões e o resultados dos trabalhos das Câmaras foi fantástico”, destacou.

Para o vice-presidente da Abruem, Pedro Falcão, os sentimentos ao fim do Seminário são de alegria e gratidão. E ele trouxe uma boa notícia: em reunião na manhã desta quinta-feira, 26, com a Rede Nacional de Pesquisa (RNP) foi sinalizado que em 2021 as universidades estaduais e municipais terão liberado o mesmo pacote de dados que é liberado para as universidades federais.

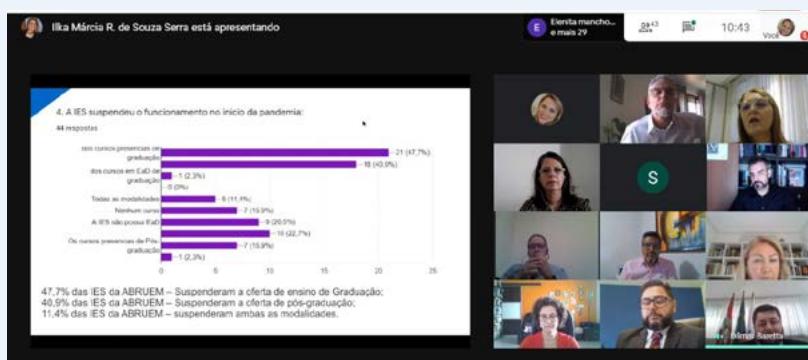
Extensão

A tarde do último dia de evento teve início com as apresentações da Câmara de Extensão da Abruem que abordaram a temática: “A extensão universitária em tempo de pandemia”.

Em sua fala, a presidente da Câmara, Nara Lúcia Perondi, destacou a importância da extensão universitária diante do contexto atual e explicou

que em muitas experiências, os alunos tiveram a chance real de serem protagonistas da sua própria formação profissional, com o respaldo de um olhar mais social, que eles mesmos puderam vivenciar.

Em seguida, a secretária da Câmara, professora Letícia



Maria da Costa, apresentou os resultados preliminares de pesquisa realizada com as universidades afiliadas à Abruem. A pesquisa levantou dados relevantes sobre a atuação da extensão desenvolvida neste momento de pandemia, levando em conta a participação dos docentes com suas ações de extensão, a atuação dos estudantes e o atendimento da demanda da sociedade.

A pesquisa levantou dados como as atividades de extensão que estavam sendo realizadas, tipo de interação com a sociedade, área de atuação, principais ações, o estudante como protagonista da ação e se a IES recebeu recursos adicionais para o desenvolvimento dos trabalhos.

Segundo os dados preliminares, 53% das ações foram por meio de projetos e 23% por meio de eventos. Em se tratando de área de atuação, a maior foi a da Saúde, com 42% das ações, seguida por Educação, com 26%. O tipo de interação foi 81% remota e 13% híbrida.

Cerca de 82% das ações extensionistas tiveram os alunos como protagonistas e apenas 9% delas receberam aporte adicional para a sua

realização. De acordo com a professora, a pesquisa permitiu um olhar quantitativo para as ações e, posteriormente, após o início de 2021, será qualitativa.

“Na Unitau a Extensão foi o que facilitou a transição do ensino presencial para o remoto”

Durante o evento, a professora ainda apresentou as ações da Universidade de Taubaté, da qual é pró-reitora. “Na Unitau a Extensão foi o que facilitou a transição do ensino presencial para o remoto”, destacou a afirmar que entre as ações realizadas estavam rodas de conversas, lives, vídeos, colóquio e seminário.

Pela Udesc, o pró-reitor Mayco Moraes apresentou as atividades de extensão que a universidade tem realizado neste período de pandemia, com destaque para a manutenção das 400 bolsas de extensão disponíveis na Instituição. Segundo o professor, das 900 ações previstas para esse ano, apenas três foram canceladas devido a pandemia.

A última apresentação da Câmara de Extensão foi realizada pelo pró-reitor da UPE, Luiz Rodrigues. Ele explicou que neste momento de pandemia foi necessária a reinvenção da extensão e destacou como a UPE tem enfrentado o desafio. A Universidade possui mais ou menos 400 projetos de extensão com ações ligadas à formação, produção de conhecimento de interesse público e canais para se chegar às comunidades externas.

Internacionalização

A segunda palestra da tarde, organizada pela Câmara de Internacionalização e Mobilidade da Abruem, foi “A internacionalização em tempos de pandemia: boas práticas e desafios”. De acordo com a reitora da Uenp e presidente da Câmara, Fátima Aparecida Padoan, falar de



internacionalização em um cenário de redução de mobilidade é um grande desafio. “Desde o início da pandemia temos discutido muito sobre como dar conta da mobilidade e fazer com que a internacionalização aconteça neste período [...] O que nos alegra é perceber que conseguimos superar esse desafio, claro que com algumas perdas”, explica.

Neste mesmo sentido, a secretária da Câmara, professora Eliane Segati, relatou que, frente à pandemia, a internacionalização se viu em um momento de ressignificação, com diversos desafios pela frente, entre



eles o restabelecimento dos objetivos e condições dos MOUs já em vigor e como seria a mobilidade acadêmica e docente, se presencial, virtual ou híbrida. Outro desafio enfrentado e superado também foi o restabelecimento de redes para ações de parcerias para pesquisa e extensão.

Dentro das propostas e encaminhamentos definidos pela Câmara, está a possibilidade do lançamento de um edital de mobilidade internacional em rede, do aumento das parcerias com outras associações de universidades internacionais para colaboração virtual em rede, da realização de open houses para o desenvolvimento e fortalecimento de parcerias internacionais e de uma parceria entre Abruem e FAUBAI.

Eliane Segati ainda informou a todos a respeito de um edital que o Conselho Britânico lançará em parceria com o Conselho Nacional das Fundações Estaduais de Amparo à Pesquisa (Confap) que inclui políticas de internacionalização e políticas linguísticas. Na próxima reunião administrativa da Abruem haverá a participação de membro do Conselho Britânico para explicar detalhes do edital.



Experiências

Ainda dentro das atividade da Câmara de Internacionalização e Mobilidade, o professor da UPE, Karl Schrster, discorreu sobre a experiência da Universidade com a internacionalização neste momento de pandemia, seus avanços e desafios.

Uma das grandes modificações que vivemos a princípio tem a ver com a questão de mobilidade”

“Uma das grandes modificações que vivemos a princípio tem a ver com a questão de mobilidade”, revela o professor ao explicar que todos os processos de mobilidade precisaram ser cancelados. Ele relata que um grande desafio foi pensar em formas de se fazer essa mobilidade com ensino virtual, tendo em vista que a maioria dos alunos buscavam a experiência prática.

Em sua fala, o professor ainda destaca a necessidade das universidades cobrarem dos consulados um apoio mais efetivo em situações como essa da

pandemia. “Muitos alunos que já estavam na universidade tiveram os prazos de validade de suas bolsas vencidos, mas, por conta da pandemia, seus voos foram cancelados e não tínhamos um aparato legal para ajudá-los”, explica.

A professora da Uerj, Cristina Russi, também relatou as experiências da Universidade neste contexto de pandemia e explicou que muitos alunos que estavam no exterior optaram por permanecer e que todos os alunos estrangeiros conseguiram retornar para seus países. “Conseguimos dar assistência, mesmo remota, a todos os alunos”, enfatizou.

Saúde e Hospitais Universitários



Finalizando o Seminário da Abruem, a palestra “Transformação da saúde pública através da inovação” discorreu sobre como a medicina tem se adaptado às novas tecnologias, sobretudo neste contexto de pandemia em que os processos foram acelerados. Como palestrantes, participaram o professor da Universidade de São Paulo, Chao Lun Wen, e a professora da Universidade Estadual de Londrina, Daniela Alfieri.

A palestra, de responsabilidade da Câmara de Saúde e Hospitais Universitários, foi iniciada pelo presidente da Câmara, professor Miguel Sanches Neto, que discorreu sobre os trabalhos realizados em 2020 e os principais desafios dos hospitais universitários perante a pandemia.

“Foi um processo que nos desgastou bastante, mas nos deu um suporte, uma ferramenta dentro da esfera política que eu não tinha visto nestes 27 anos de serviço público, um empoderamento das universidades públicas, apesar das duras críticas que sofremos no passado e continuamos a sofrer”, ressalta.

Transformações por meio da inovação

Para a professora Daniela Frizon a inovação em saúde passa por encontrar novas formas de trabalhar, prestar serviços ou adotar tecnologias, sempre com o objetivo de melhorar a qualidade do sistema de saúde, ao mesmo tempo que se reduzem os desperdícios e os custos.

Ela explica que o ecossistema de saúde já está mudando no Brasil e destaca como as plataformas de apoio à decisão clínica podem contribuir com a cultura de inovação. Neste sentido, Daniela Frizon afirma que elas podem melhorar as decisões e ações dos médicos, com conhecimento clínico organizado (baseado em evidências) e informações pertinentes sobre o paciente para melhorar a saúde e a prestação de cuidados de saúde.

A professora ainda explana sobre internet das coisas médicas e

inteligência artificial utilizadas no sentido de reduzir gargalos de atendimentos. “A inovação nesta área deve ir desde a atenção primária, no sentido de se trabalhar a prevenção, até a terciária”, enfatiza ao defender que investir em inovação em saúde otimiza processos, aumenta a produtividade das equipes, melhora a relação com pacientes, reduz custos e aumenta rentabilidade.

Segundo dados da Demografia Médica de 2018, 60% dos médicos brasileiros estão em 39 cidades com mais de 500 mil habitantes, o que acaba por colaborar com as desigualdades de distribuição e problemas na assistência. Os dados apresentados pela professora ainda mostram que a média de deslocamento do brasileiro na busca de serviços de saúde de baixa complexidade é de 72 km e esse número sobe para 155 km quando se leva em consideração serviços de alta complexidade.

A professora ainda falou sobre telemedicina e como garantir a adesão da população a esse tipo de serviço que só foi regulamentado no País graças à pandemia da covid-19.

Aceleração digital



Para o professor da USP, Chao Lung Wen, discutir inovações na saúde é um tema interessante, tendo em vista que não estamos mais na década da transformação digital, mas na década da aceleração digital. De acordo com ele essa é a era dos 4 hipers: hiper conectividade, hiper realidade, hiper presença e hiper inteligência.

Segundo o professor, a questão da saúde digital só terá aceitação e uma maior penetração quando existir uma educação massiva no sentido de se incluir na formação de novos profissionais a telemedicina e teletecnologias. “A educação tem que se transformar e acompanhar os quatro hipers. Estamos evoluindo para várias coisas na área da medicina e temos que ensinar nossos estudantes a repensarem o cenário de um mundo em mutação constante”.

Chao Lung Wen afirma que estamos na década da longevidade e que a saúde tem que ser modificada para não só tratar doenças, mas trabalhar qualidade de vida e diminuição de riscos de doenças. “O ajuste da formação dos profissionais de saúde deverá seguir essa linha e a saúde conectada é a próxima fase”, relata.

De acordo com ele, estamos em um borbulhar grande e precisamos definir como a educação irá acompanhar as mudanças e como poderemos prover uma educação muito mais completa. “Temos que fortalecer essa transformação de professores para educar esse novos profissionais. Outros

fatores importantes são ética, responsabilidade e segurança digital na formação médica. Temos que trabalhar em uma sincronia para a educação, usando tecnologia e os avanços na saúde. Sem isso, não haverá uma tecnologia saudável”.

O professor ainda elenca nove aspectos mínimos que os novos profissionais de saúde formados pelas universidades devem apresentar:

- 1- saber observar e associar ideias
- 2- saber formular boas perguntas - curiosidade
- 3- ter opiniões relevantes
- 4 - saber sintetizar e reconhecer aspectos significativos
- 5 - saber pesquisar e avaliar informações
- 6 - saber trabalhar em equipe
- 7 - identificar problemas e elaborar soluções
- 8 - habilidade de se comunicar
- 9 - ter iniciativa e empreendedorismo

“A transformação ocorre dentro do ambiente da educação e não apenas no profissional e com essas habilidades os alunos poderão usar muito bem as novas tecnologias para melhorar a saúde da população”, frisou.



*Associação Brasileira dos Reitores das
Universidades Estaduais e Municipais*
www.abruem.org.br